

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda — FAFE

SEMPRE OS MESMOS!

## O jesuitismo proscrito

Ninguém desconhece que o «jesuitismo proscrito» procura, por um processo ignóbil, de infiltração assentar de novo arraiais adentro de Portugal e, assim, poder realizar aquela acção nefasta que a História aponta e cita como das mais abomináveis, quando a não considera verdadeiro crime de lesa-Pátria e quando não a reputa merecedora de completa abolição.

Também toda a gente sabe que essa horda miserável de «exploradores do corpo de Jesus» — protótipos de energúmenos e de facinoras — leseja a restrição da Liberdade legitimamente reivindicada e que, confiante do poder conquistado pelo emprego da mentira, não descança na sua acção absorvente e imoral, na faina de forçar argumentos que a ilibe e a irresponsabilise das suas atitudes de caçadores de heranças, de burgueses abastados e de deturpadores da Ciência.

É um mal que há a expurgar, que já não vai com emolientes, mas sim com uma forte cauterização que o queime totalmente, quer nos seus interesses mundanaes, quer na sua degeneração.

As proporções de desregramento advindas da usura e que julga limpar com uns pingos de água-benta cuspidos pelo hissope, é urgente manietar semelhante desregramento, tal usura, uma vez que não nos seduz o seu canto de sereia... *republicana* (?)

Os factos, na sua comprovada eloquência, se tem encarregado de o demonstrar.

São esmagadoras as provas, formulam um libelo terrível que não é possível destruir.

E senão, vejamos: «a interferência directa nos assuntos temporais, que os jesuítas vinham tendo em Portugal e seus domínios; a acção absorvente, dominadora, da Companhia de Jesus em todos os ramos da vida portuguesa; os desmandos que provinham desse poder extraordinário, pouco a pouco ampliado até

chegar às proporções assombrosas a que chegou a petulância com que a formosa sociedade fazia curvar a cerviz a todas as classes e ao próprio rei, pela empolgadura sistematizada das consciências, que facilmente conseguiam pelo estado de fanatismo geral; tudo isso, que fazia do paiz um feudo rendosíssimo da Ordem de Loyola» mereceu que ministros de propósitos libertadores corressem tão perigoso inimigo, talvez enojados de verem o Evangelho, «onde resumba a cada página o desapareço dos interesses mundanaes e das profanas carnalidades», nas mãos de autênticos sacrilegos, ambiciosos e terrenais.

Dum lado, o despotismo da seita, corrupta e ambiciosa; do outro o despotismo dum só homem ou a reacção dum povo inteiro, cioso dos seus direitos e obrigações.

¿A qual deles dar a preferência?

¿Aceitar a corrupção, a delapidação dos costumes duma sociedade, ou ambicionar, querer, e desejar reconhecer o Valor positivo dos bem formados caracteres dessa mesma sociedade?

Mas, há mais: o grande historiador Pinheiro Chagas, na bela intensão de proclamar bem alto a Verdade — a fria Verdade da História, — e no sentido de desautorizar as instituições religiosas que se afastavam da sua missão, baseado numa obra verdadeiramente notável que Simão José da Luz escreveu, dela transcreve documentos que alicerçaram as suas afirmações; as desagradáveis referências com que escalpelizou serênamente o tumor jesuítico — filão precioso para mostrar aos leigos, á semelhança do que costumam fazer os altos dignatários da Igreja, a importância do nobre gesto desses ministros libertadores dum Povo inteiro.

Esses documentos são os seguintes:

*Notas feitas pelo governador e capitão-general de Angola, Aires Saldanha*

*de Sousa e Menezes a uma carta que lhes dirigiram os padres jesuítas daquêle estado.*

*— Grande corrupção dos padres da Companhia de Jesus em todo o Brasil: officio do bispo do Rio de Janeiro com referência a um documento contido no officio do dito bispo.*

*— Queixas contra os jesuítas da Índia, feitas pelo vice-rei daquêle estado, que teve o título de conde de Linhares.*

«De todos os documentos o mais importante e escandaloso é o que vem contido no officio dirigido pelo bispo do Rio de Janeiro ao conde Oeiras, a 20 de Fevereiro de 1761. Acreditamos bem que teremos de descontar nesse documento o que se deva attribuir ao desejo que o bispo tinha de lisonjar o conde de Oeiras e de favorecer os seus projectos. Em todo o caso, quem tala e um eclesiástico, inter-sado em não desautorizar as instituições religiosas e os homens que delles faziam parte, e demais esse officio é abundantissimo em factos, e os factos não se improvisam. Póde haver exageração; mas o fundo é, decerto, verdadeiro. Esse documento principia do seguinte modo:

«A Companhia, que Santo Inácio fundou, para bem universal do mundo, para instrumento da conversão dos infieis, renunção dos luxos e reformas dos costumes, chegou a tanta decadência e estado tão deplorável neste Brazil, QUE JÁ HOJE SERVIA MAIS PARA DESTRUIR DO QUE PARA EDIFICAR; MAIS PARA CORRUMPER OS POVOS, QUE PARA OS AJUDAR; MAIS PARA ESCANDALO DO QUE PARA BEM DAS ALMAS.

A tórpe lassidão em que viviam os jesuítas; a monstruosa corrupção dos costumes a que tinham chegado estes homens, faziam neste Brazil, a esta familia, não só inútil, mas absolutamente pernicioso e abominável e merecedora de perpétua abolição, para que a corrupção de tão grande e tão dilatado corpo não acabasse de envenenar sem remédio aos individuos destas conquistas. Esta verdade plenamente penetrou o P.º José Geraldes, que entrou na Companhia já sacerdote e de madura idade. Este padre, depois de estar em Lisboa nove annos por procurador geral, veio a esta provincia feito provincial, e, depois de visitar os collegios de norte a sul, e yr com seus olhos e apalpar com a experiência a INCORRIGIVEL DEVASSIDÃO e irremediável soltura dos jesuítas, disse publicamente que entrara na Companhia enganado, e que nunca supuzera haver tanta diabrura em uma familia religiosa, motivo porque renunciava o provincialismo».

Outros exemplos apresenta o bispo do Rio de Janeiro, mas terei de encurtar a elucidação de Pinheiro Chagas, porque longa vai já esta caminhada.

Contudo, por este pano de amostra podemos avaliar do que seria da sociedade portuguesa desde que aceitasse como boa a perma-

## BICOTILHANDO... AS IRMÃSINHAS

Uma das coisas dignas de registo... são a limpeza e o asseio das ruas cidadinas — preocupação que merece louvor e que de há muito não entrava aos juízos dos nossos édís, então livres de adorarem feitiços...

O bérço... transformou-se num paraíso terrenal. Nem hervas crescendo pelos largos, nem entulhos a impedir o trânsito.

E senão, vejamos: Misericórdia, Travessa do Monteio, etc., etc., há lá coisa mais limpinha! Já não será precisa a afixação de «editais» a indicar as entulheiras da cidade. Toda-a-gente as conhece...

Tem chovido regularmente. Alguém abriu o Código de Posturas e nos leu aquêle artigo pelo qual se intimam os proprietários das casas a mandar arranjar os seus caleiros, que por essa cidade, espírram como verdadeiros chafarizes e são o flagelo do transeúnte pacífico e burguês. E ainda dizem que há falta... de trabalho. «Dorme, que eu vélo...»

Não é verdade que, na pacífica Guimarães, a ordem fôsse alterada por motivo das comemorações do «5 de Outubro».

Também mentiu todo aquêle que disse que a força armada «era pouca para a manutenção da ordem», e, que nos conste, a autoridade administrativa não proibiu nenhum dos números desses festejos... nem houve pedidos de ajuda para tal, como para conseguir a paz no seio da familia vimaranense.

*Blague*, caros leitores, e nada mais.

nência dos jesuítas, em Portugal.

Eles, com um segundo de liberdade, já se julgam com direito a trastejar as consciências e a impôr o arbitrio das suas doutrinas...! Que seria de nós, se lhes dessemos uma hora de liberdade!?

Decerto não faltariam as fogueiras nas praças públicas e as fôrças seriam de novo ergu das pelas ruas e «vicioletos».

L. Coelho.

O automovel corria velozmente. Os *habitués* do Toural mal poderam vêr quem ia dentro. Seriam 17 horas do dia 7 do corrente, quando elas passaram.

Sim, eram elas... Começaram-se a fazer os respectivos comentários.

Alguem aventou que eram umas meninas que iam para uma «soirée masquée».

Aquêle traje era desconhecido entre nós.

Mas... não havia duvidas.

Todos se lembraram das irmãs de caridade que faziam serviço nos hospitais, antes da implantação da República. O que fez especie foi aquêle véu branco na cabeça, com grandes abas para baixo e para cima, que lhes cobria quasi o rosto todo. Chegam mais miromes. Aumenta o interesse em se desejar saber o que ia no carro.

Um dos recém-chegados, ex-combatente da Grande Guerra, declara que em França viu irmãsinhas que usavam aquêles hábitos.

— Ah! disse alguém que fazia parte do ajuntamento, são as irmãsinhas do *Sacré Coeur*, onde foi educada a Snr.ª D. Amélia de Orleans.

— Não! disse o mesmo ex-combatente, com largos conhecimentos das diferentes ordens religiosas que existem no mundo católico, são as *Soeurs réparatrices* que em França são vulgarmente conhecidas pela designação humoristica de *cottes du bon Dieu*, pela espalhafatosidade do seu traje e pelas momices que fazem ao Divino, como uma especialidade do seu culto.

Os liberais são assim. Duas larachas, uma gargalhada pela conclusão a que se chegou e não se pensa mais nas *irmãsinhas*.

Ah! mas não está certo. A hora não é para risotas, mas sim para meditações. Aquelas religiosas não vieram a Guimarães, sómente por visita. Elas obedecem cegamente aos maiores da Companhia de Jesus, de quem são a guarda-avançada. Elas vieram apalpar terreno. O seu modo de agir é entre as senhoras ricas, procurando-las tornar excessivamente devotas, para que possam ser bem dominadas pelos seus confessores, e o

**INSTRUÇÃO  
E EDUCAÇÃO**

**A salvação nacional  
pela acção escolar**

I

Acalmada a procela revolucionária dos enciclopêdistas, a Política consolidou a igualdade civil dos cidadãos, colocando-os exactamente iguais perante a lei e fornecendo-lhes uma educação conducente a uma possível igualdade de condições civis.

A igualdade economista —negação de privilégios— o auxílio do trabalhador e do próprio capitalista resultante de uma instrução educativa que fomente a riqueza pública de sorte que haja trabalho bem remunerado para todos os braços e para todas as capacidades industriais.

Nas civilizações passadas «o Estudo era considerado uma entidade absoluta para a qual o indivíduo vivia», o que hoje repugna admitir.

O indivíduo, no Estado, é um elemento primário de força, mas com vida própria, embora entre na coordenação e arranjo da vida social.

A questão social existe; deixemos porém o seu aspecto político para ser versada muito resumidamente a questão económica e pedagógica.

O problema pedagógico e económico está na ordem do dia em todos os Estados modernos.

O problema da instrução educativa das classes trabalhadoras é o problema capital; e, uma vez resolvido, tremendo golpe sofre a crise actual.

Nada de política oportunista.

Não se alimentem ilusões acerca do valor do espírito social moderno que deve encontrar na escola uma base indefectível.

Vem-lhe sido lenta a marcha na conquista da nação e, se não domina ainda soberanamente, como é verdade, é porque, infelizmente, ainda não está feita a educação primária do povo.

Pense-se no desenvolvimento económico e pedagógico em nome da salvação comum.

Espalhe-se pelo povo a instrução e educativa para não nos deixar-mos ficar assim em relativo atraso perante os outros povos.

Parar é morrer.

E' necessário proteger os

clero, possa, por elas, dominar os seus maridos e filhos. Acautelem-se todos aquêles em casa de quem elas se meterem. Aí fica o aviso para todos os liberais e incautos. Andam as irmãsinhas... no povoado...

X.

filhos dos operários logo desde a infância, pela caixa das escolas.

A escola deve de ser encantadora e assim atrairá as crianças ao seu seio.

O desenho do natural; a distração das construções mediante pequeninos cubos, como material didactico, com os quais vão construindo casas e pontes, etc, o uso de lápis e papel de cores, os trabalhos normais leva a criança a aprender a vê e a trabalhar com a destreza que só da prática pôde dimanar.

Assim se lhe desenvolve a inteligência sem fadiga.

Ninguém desdenhe também dos jogos livres, porquanto êles desenvolvem os sentimentos de lealdade, solidariedade e ordem nos trabalhos em comum.

Se assim é, se isto é uma necessidade vital, é simultaneamente a formação de uma alma nacional em equação com as necessidades da civilização da época.

Nada de temores.

O que urge é modificar a organização educativa.

Nada receiem os que trabalham—os inteligentes e os probos; olhem o futuro com confiança os que possuem riquezas que industrializarão honesta e produtivamente.

10—10—29

Prof. J. F. B.

(Continúa).

**GUIMARÃES!**

Guimarães! Terra de Heróis,  
Terra de Santos e Poetas,  
Guarda de rouxinóis,  
Céu azul de borboletas...

A Penha—um facho de sól  
Com esplendôr te alumia!  
E o teu Castelo —um faról  
Alta nobrêsa te guia!...

O' minha Terra-Natal,  
Meu berço d'ouro saudoso:  
E's hoje de Portugal  
O cantinho mais formoso!

O' Terra das Romarias  
Cheias de flor's perfumadas,  
E's feita de aleluias  
E sorrisos de alvoradas!

O' Avosinha mil vezes  
De todas as nossas Mães!  
O' Terra dos Portugueses,  
Minha Terra! Guimarães!

Agosto de 1929.

Delfim de Vimaranes.

**RENDEZ-VOUS**

Decorreu sempre debaixo de uma grande animação, o que se realizou no corredor da igreja da Misericórdia, no passado domingo, das 11 ás 15 horas, entre um illustre coroado e uma senhora sua confessada.

«...Dai-me confessadas  
Novas, já se vê,  
E' melhor casa-las  
Bem sabeis porquê...»

Razão tinha o genial Guerra Junqueiro.

**COISAS  
E LOISAS**

Quêdos, quêdos, cavaleiros,  
Que el-rei vos manda contar

Não é preciso. Estão todos. Da esquina da vida onde me coloquei, como o pontífice ameal, ou qualquer aguadeiro da velha Lisboa, vi passar a mirabolante mênada, reluzente em suas armas temerosas, óvante em seus propósitos bairristas. Seus elmos, do tempo da Traulitânia, cegavam de revêrberos a pasmada grei dos servos e mesteirais e o sól prinaveril, ao bater em suas polidas e férreas couraças, fazia piscar de gôso o vilão extático.

Por escudo um missal velho, aberto no *Lavabo*, por lança um apagador de velas da semana santa, causavam maravilha na multidão de ferragoulos, coalhada nos passeios. Do pescoço gracil pendiam-lhe bentinhos e escapulários e no delicado pulso enrolavam rosários, de que penduricalhavam amuletos e venêras. Garbosas em seus ademanes fidalgos, alentados em sua fé, dir-se-hia que ante nós passavam os de Tavola Redonda, de cartola e sócos, quantiosa ninhada de Lidadores de celuloide a caminho da fronteira, ameaçada, quiçá, pelo cubiçoso castelhano, ou pela moirama infiel.

Seu rosto, coberto de lata estanhada, por causa das môscas, era livro aberto, escriptura fiel, de suas almas e intenções, e o suor, que lhes enodoava os gantes de camurça, testemunho vivo de quanto anciavam por mostrar seus feitos e valor. Bofé, amigos! Tão lustrosa cavalgada não tinha o rei Artur, nem a princesa Mangalona viu, em seus tempos de torneios e bufúrdios, tão gentis campeadores. E pagem e donzeis, meninos do côro, de gibão e tabardo, seguiam no coice, nedios como capões, chibantes como perús armados, a endoiçar as donas e donzelas, que dos mirantes e varandas assistiam, derretidas de comoção, ao desfilar de louçã coôrte, animosa e constante em seus reais desígnios, imponente em seu porte, castiça em sua origem.

Timbre não levavam, que lh'o vissemos; mas sua dama era á vista em seus penachos azuis e brancos, que brisa benéfica afagava.

A cada momento se nos figurava ouvir impertigado arauto bradar aos quatro ventos:

«Arraial! Arraial!...»

Ora,

Quêdos, quêdos, cavaleiros...

E quêdos ficaram. Quêdos e mudos, que o caso não é para menos. Tanta

tinta azul e branca para nada, para tudo se ficar nas tintas...

Da esquina da vida, onde estou com licença do pontífice, vejo ainda a multidão de ferragoulos, a mesma multidão que esperava, gulosa, o maná e as codornizes. Não tem já o ár maravilhado e domingueiro da hora solene da *parada*, antes no fatigado aspecto mostra a triste figura dos... desenganados.

Maná?! Codornizes?!...  
Cebolório!!!

X. X. X.

**Museu Alberto Sampaio**

Ainda a propósito do restauro desta reliquia histórica há que notar alguns pequenos nada. Tudo corre bem, mesmo aos pouquinhos; simplesmente é repreensível a *maneira como tudo corre*.

Não é justo, evidentemente, que se faça uma obra de tanta monta com a bolsa dos empreiteiros e fornecedores. Ao que nos consta deve-se-lhes, há já muito tempo, a insignificancia de trinta e tal contos. Não é justo nem honroso porque êsses empreiteiros têm de adquirir dinheiro a juros pesados para satisfazer os seus compromissos.

Deve, quem de direito, lançar os olhos sobre isto. De contrário é uma triste vergonha o que se passa no tão falado Museu. Exemplos dêstes semeiam a desconfiança naquêles que vivem do trabalho e é possível que de futuro seja condição essencial o pagamento adiantado.

**Memorandum**

O *Jornal de Noticias* relatava há dias um curioso facto que deve interessar a todos. O leitor recorda-se daquêle caso de excomunhão, ali no concelho de Barcelos?

O diário acima referido pormenorizou-o devidamente. Sabemos que não é inédito como não desconhecemos a maneira sofismada e tenebrosa de proceder dos *lidimos* servidores de Deus. O que mais nos custa é o prejuizo causado à professora, que foi, afinal, victima do dever. E sempre é bom que a Igreja vá retirando da circulação êstes meios de obter o alheio. Isto hoje não *cola* grandemente; é um vigário muito conhecido e serve apenas para mostrar o ridículo a que chegou a insaciabilidade dos mostrenhos. O facto, quando mais não seja, pode sêr tido como aviso.

G' dar-lhes um pésinho que êles se encarregam de tomar ambas as mãos.

**Professor**

O professor da Escola Central Masculina, Jerônimo Ferreira Botelho, lecciona em casa dos alunos instrução primária, habilitada para exame de admmissão ao Liceu, bem como dá lições de contabilidade commercial.

**AUTOMOVEL**

BERLIET, de 6 logares, em bom estado, vende-se. Falar no Tournal, 38.

**NOTÍCIAS ESCOLARES**

Abriam as escolas centrais desta cidade no passado dia 7, ás 9 horas.

Estão já matriculados na Central Masculina uns 230 alunos, tendo só a 1.ª classe—regida por três professores—136.

A matrícula continúa aberta até aos mês de março.

O Conselho Escolar deliberou entregar o premio de 25000 escudos intitulado pelo senhor professor Botelho para o aluno ou alunos mais classificados no exame da 4.ª classe do E. P. Elemental na sessão solene que anualmente se realiza na Sociedade Martins Sarmento.

Na passada quarta feira, 9, os professores da Escola Central Masculina dirigiram-se à Câmara Municipal e exposeram em sessão a justiça que lhes assistia em reclamarem a entrega das antigas residências... professores no próprio edificio escolar.

Reconhecida essa justiça a Ex.ªª Camara mandou reduzir a escripta a reclamação que foi deferida, prometendo enviar todos os esforços para que possam ser feitas as reparações necessárias e aberta a entrada independente das salas destinadas a exercicios escolares.

**Transgressões estatísticas**

Temos conhecimento que tem sido lavrados autos por transgressões estatísticas a algumas sociedades comerciais e industriais do concelho por não terem preenchido e enviado no tempo competente, à Direcção Geral de Estatística, Lisboa, os respectivos boletins.

E' para lamentar quando é certo que em Guimarães possuímos uma Procuradoria que põe a coberto destas infrações todos os contribuintes, sabido como é que todos os que ali estão inscritos nada sofreram ou nada transrediram.

**SAUDANDO**

Pela recente portaria do ministério do Comércio foi conferido o titulo de *Comendador*... Linheiros ao illustre e dignissimo Presidente da Associação Commercial, Rocha dos Santos, industrial da advocacia e das botas.

Achando merecidissima a escolha, pelo que cumprimentamos S. Ex.ª, lamentamos contudo que igual titulo não fosse conferido ao *charmeur* Abreu e Lima, e que muito bem poderia ser o de *Marquez da*... Mantiega, já pelos serviços prestados á classe, já pelo muito trabalho que teve a quando da visita presidencial a esta cidade.

Sujou os polainitos e esfalfou o peito aos vivas.

**BRINCO COM BRILHANTES**

Perdeu-se um, desde a Avenida Cândido dos Reis até ao Largo da Oliveira.

Gratifica-se bem a quem o entregar a Manuel Calixto, Barbearia Milaneza.

COMEMORAÇÃO DO "5 DE OUTUBRO"

Em Guimarães decorreram brilhantes os festejos comemorativos

Bão a 500 pobres—Inauguração duma escola noturna—Sessão Solene no Teatro : : D. Afonso Henriques. : :

Como anunciamos no último número do nosso jornal, promovidas por um grupo de fidéis republicanos e á frente do qual se encontrava o nosso querido amigo e devotado correligionário, sr. Bernardino Jordão, no sábado passado realizaram-se, nesta cidade, as festas comemorativas do XIXº aniversário da implantação da República e as quais decorreram com um brilho desusado. O programa foi quasi cumprido á risca, e se os últimos números anunciados não se puderam realizar, isso foi resultante do mau tempo que pela noite se toldou.

Assim, annunciados na véspera os festejos, e saudada a alvorada com fôgo e música, que percorreu as ruas da cidade, a executar o Hino Nacional, pelas 10 horas da manhã teve início o

Bão aos pobres

Na sede do Centro Republicano de Guimarães, á rua 51 de Janeiro, sob a presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bernardino Jordão e auxiliado pelos snrs. Antonio de Jesus Teixeira, Francisco Ferreira de Castro, Antonio Ferreira da Cunha, Tenente Albano Cruz, Vieira de Castro, Antonio Guise, Eduardo Jordão e outros republicanos desta cidade, foram distribuidas 500 esmolas em géneros aos pobres da cidade—acto que se prolongou até ás 13 horas.

Inauguração da Escola

Pelas 15 e 1/2 horas, na sede do Centro Republicano, procedeu-se á inauguração da Escola Primária, tendo presidido ao acto o sr. Antonio Francisco Ferreira de Castro, digno Presidente da Direcção do Centro Republicano, que nomeou para o secretariar os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Bernardino Jordão e Antonio de Jesus Teixeira. Exposto pelo sr. Presidente o fim daquella sessão, convidou o sr. L. Coelho a usar da palavra e a dizer das vantagens da inauguração daquella escola, visto não se encontrar presente o professor sr. Jerónimo Ferreira Botelho, a quem incumbia falar naquêlê acto solene.

O sr. L. Coelho principiou por confessar que não era ele a pessoa indicada para falar nesse número de festa, mas atendendo á que foi impossivel conseguir a presença daquêlê a quem competia falar naquêlê lugar, o reputado e muito digno professor primário, sr. Jerónimo Ferreira Botelho, como amigo tomava a liberdade de o representar, e o que fazia animadoramente muito embora carecesse da autoridade profissional de S. Ex.<sup>ta</sup>.

«E' que V. Ex.<sup>ta</sup>», presados correligionários, atravez das minhas despretenciosas palavras não terão o prazer de ouvir a bela lição pedagógica dum mestre honesto, culto e republicano—como o é o sr. Ferreira Botelho,—lição tão pura como simples. De mim, que sou novo, inteiramente votado á causa da República; que a mim

próprio impuz o dever de pugnar pelos direitos civicos que nos legaram os honrados precursores do ideal que denodadamente defendemos; que teimo em alvejar o reaccionarismo monárquico-clerical, a ponto de contribuir com a minha quota parte para o esfacelamento dessa hidra abominável, de mim, dizia eu, só palavras de fé, ditadas pela verdura dos anos, poderão ouvir e escutar. Palavras sinceras, proferidas sem dificuldade, criteriosas e absolutamente sentidas. Palavras de Vida, de amor pela Liberdade e que sintetisem a permanente renúncia da «gargalheira», da grilheta e da galé. Sim presados Correligionários: eu amo a Liberdade que vivifica, que me dá a certeza da «alegria de viver» e que me confere a plenitude dos meus direitos e obrigações. Por Ela me preocupo, por Ela trabalho e por Ela darei a minha última gota de sangue». E não pretendendo definir o significado dessa palavra mágica, por entender que a ideia completa de Liberdade deve de há muito estar formada, ser fórmula percebida, apontou o caminho do dever que é também o de trabalho. Em seguida historiou a evolução da ideia republicana, sempre tolerante e disposta a perdoar as cegueiras dos seus inimigos, e pôs em confronto essa tolerância com a resposta indigna, falsa, dos inimigos do regimen. E num arrebatemento, proclama: «Monárquicos e clericais, que mendigaram sempre a benevolencia da República, que carpiram amnistias e tiveram a mais ampla liberdade, infame e covardemente se esqueceram dos favores recebidos, e vão de prejudicar os suprêmos interesses da República e de conseguir a restrição dos nossos direitos.

«Surucucus dum regimen fóra da módá, essas cobras miseráveis e daninhas, faltaram canalmente a todos os compromissos, e, animados não sei bem por que bulas, disputam-se privilégios que só a nós, republicanos, pertencem. Ah! foi uma falsidade sem nome, esse colear que embaraçou a progressividade da Democracia!»

E demonstrando a traição, a ignomínia e o sectarismo dos inimigos da República, fala claro acerca da armadilha que êles prepararam e diz da necessidade que há em expurgar esse mal que infesta a sociedade portuguesa, combatendo-o e dando-lhe caça, muito embora se torne canceirosa a faina, se reclame o emprêgo duma actividade latente e se dispenda a maior energia... E feita a seguir a análise da situação dos republicanos, termina: «a posição de combate que ocupamos é digna, mas é urgente acabar com semelhante posição. A República fez-se para os republicanos. E' sob êste aspecto que a devemos considerar, como concepção definida. Há, pois, que eriar uma cultura republicana; formar cidadãos úteis; e falar exacto ao jóvem de agóra para que, amanhã, repudie as

doutrinas utópicas que persistentemente desejam impôr-se. Como fazer desabrochar essa cultura; como preparar esses cidadãos capazes; e como proclamar a Verdade das nossas doutrinas? Mandando os nossos filhos á Escola Republicana». Foi muito aplaudido. Em seguida, pelo sr. Antonio de Jesus Teixeira foi lida a acta da fundação da Escola, que foi assinada por todos os presentes. Os convidados dirigiram-se depois á dependencia onde está instalada a escola, tecendo rasgados elogios á benemérita Direcção do Centro Republicano.

Sessão Solene

No Teatro D. Afonso Henriques a República é delirantemente vitoriosa

Pelas 22 horas, no Teatro D. Afonso Henriques, realizou-se a sessão solene que decerreu animadíssima. A Banda dos Bombeiros Voluntários executou a «Portuguesa», ouvindo-se constantes vivas á República e á Liberdade. O sr. António Francisco Ferreira de Castro, convidou a presidir o velho republicano e ex-reitor do nosso Liceu, sr. dr. David d' Oliveira, que escolheu para o secretariar os Ex.<sup>mos</sup> Snrs. Bernardino Jordão e José Luís de Pina, vi-reitor do Liceu. Aberta a sessão, o primeiro a usar da palavra foi o Ex.<sup>mo</sup> Sr. dr. José Pinto Rogues, que principiou por declarar que veio ali no cumprimento dum dever, visto que se encontrava retido no leito, e só por um dever se explica a sua presença naquella sessão solene. Fisicamente abalado na sua saúde, não poderia imprimir ás suas palavras o entusiasmo com que as costuma dizer, mas esforçar-se-ia por corresponder á sua vontade, proclamando aquilo que lhe ia na alma. E, após ter declarado o seu grande amor á República e de ter vincado bem o papel dos republicanos na hora futura, disse da necessidade que há em combater essa força oculta e subterranea que tem entravado o progressivo andamento do regimen cujo advento hoje se comemora. E gritou:

—Viva a República!  
Grande salva de palmas e repetidos vivas á República e á Liberdade. A Banda dos Bombeiros Voluntários executou a «Maria da Fonte». O entusiasmo é indescrevível.

E' concedida a palavra ao sr. Manuel Couto, do Porto. Uma salva de palmas saúda o novo orador.

Principiou S. Ex.<sup>ta</sup> por fazer os seus elogios á forma brilhante como o sr. dr. José Rodrigues discursára. «Disse muito bem S. Ex.<sup>ta</sup>, proclamou uma grande verdade quando lembrou haver uma força oculta e subterranea que procura por todos os meios entravar o progresso da República». E, criticando a acção nefasta dessa força oculta, aponta todos os erros praticados por essa seita negra que é o o escárneo duma sociedade. Em frases contundentes, cheias de Verdade, castiga duramente o clericalismo que anda de mãos dadas com os jesuitas... E rematou com um viva á República, o terceiro que gritou em toda a sua vida.

—Viva a República! Viva a República! gritam de todos os lados, delirante e entusiasticamente.

Discursa a seguir o estudante de Coimbra, sr. Alexandre Pinto. As manifestações repetem-se. O orador, com muita serenidade, escarpelisa todos aquêles que, servindo o estado republicano, o combatem a toda a hora. Lembra o que se passa

com a Instrução. Ele, que frequenta a Universidade de Coimbra, tem reconhecido que os Mestres... sistematicamente, dentro das aulas... Há-os que são verdadeiros... E brada, num impeto de revolta... —Viva a República!

Foi muito aclamado e a República novamente muito vitoriosa.

Cabe a vez ao sr. Tenente Correia, deportado de Angola pelo simples crime de muito amar a República. S. Ex.<sup>ta</sup> dirigiu as suas primeiras saudações para todos os camaradas e republicanos que, espalhados pelas nossas colónias, sofrem o destêrro por nunca terem faltado ao juramento de defender a República. Em seguida, analisa o momento actual e confronta-o com a obra em que os republicanos se vem empenhando, focando factos comprovativos e que, em tudo, contribuíram para o engrandecimento da Pátria.

Se êrros houve, disse S. Ex.<sup>ta</sup>, em nada se assemelham aos...

Uma prolongada salva de palmas abafa as últimas palavras do orador. A Banda dos Bombeiros Voluntários executa o Hino da Maria da Fonte.

Fala agóra, o sr. Dr. Alexandre Córdova.

E' efusivamente saudado pela assistencia.

Começa S. Ex.<sup>ta</sup> por agradecer as palavras amigas que lhe dirigiu o sr. Dr. José Rodrigues.

Diz ter cumprido o seu dever quando se encarregou de, nos Tribunais do Porto, defender todos os republicanos prêsos que tomaram parte nos últimos movimentos revolucionários, pois reconheceu que os seus gestos traduziram um fiel cumprimento da palavra dada. Tratava-se da defesa de republicanos de verdade.

E sempre, com um entusiasmo comunicativo, as suas palavras re'atam as...

A assembleia, electrizada, interrompe-o inúmeras vezes e os vivas á República são tão clamorosos como vibrantes.

O sr. Dr. Emidio Guerreiro, desta cidade, fala como Presidente do Grupo de Estudos Filosóficos «Lux». Fluente, profundamente integrado na sua acção de propagandista, depois de ter saudado os seus amigos de Guimarães, ligeiramente traça o programa do Grupo que dirige. Diz do seu papel no momento que passa e estabelece paralelo entre o que se tem feito e o que há a fazer. Combate declaradamente o reaccionarismo, exteiorisa o seu grande amor pela República e critica acrememente...

As manifestações da assembleia cortam a cada momento as palavras do orador, e os vivas á República são cada vez mais estridentes e vigorosos.

Por última, o sr. Dr. David d'Oliveira, satisfeito com o calor que os novos lhe trouxeram, diz estar convencido que muito brevemente haremos de vêr outra vez a República, como a sonhada pelos seus fundadores.

E' encerrada a sessão.

Os vivas á República e á Liberdade são inúmeros e as palmas prolongam-se por alguns segundos. A Banda dos Bombeiros Voluntários executa o Hino Nacional e a multidão dispersa ordeiramente.

**Camionette Ford**  
Carroçada e para passageiros, com estofos a pergamoide, VENDE-SE em boas condições. Para vêr e tratar, em casa de A. J. Ferreira da Cunha, Praça D. Afonso Henriques, 58 — Guimarães.

EDITAL

Doutor António Coelho da Mota Prego, administrador do Concelho de Guimarães;

FAZ PUBLICO que para cumprimento do disposto no Art. 8.º do Decreto N.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, baixou a esta Repartição o edital da Circunscrição Industrial, do teor seguinte:

«Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial

Faço saber que The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Lim., pretende licença para instalar um depósito de gasolina com bomba auto-medidora na rua Dr. Abilio Torres—Estrada Nacional n.º 36—freguesia de Vizela, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com a Rua Dr. Abilio Torres.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na classê 2.ª da tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8364, de 25 de Agosto de 1922, com os inconvenientes de perigo de incêndio são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.ª Circunscrição Industrial, com sede no Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142—2.º, as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 17 de Setembro de 1929.

O Engenheiro-Chefe,  
J. Salvador Viegas».

Guimarães, Secção Administrativa da Câmara Municipal, 10 de Outubro de 1929

O Administrador do Concelho,  
A. Motta Prego.

PROFESSOR

Para instrução primaria e secundária até o 2.º anno liceal oferece-se. Vai a casa dos alunos e fóra da cidade.

Habilita em pouco tempo adultos analfabetos a ler escrever e contar. Preços módicos. Para informações — Farmácia Martins—Praça da República—Guimarães.

# FOTOGRAFOS AMADORES!

Uma boa fotografia deve ser completada com uma melhor revelação

Rapidez na entrega. = Perfeição no trabalho.

A PAPELARIA CENTRAL encarrega-se de todos os trabalhos para amadores. Revendedor oficial da «Kodak». Todos os artigos necessários do amador. Confie V. Ex.ª por uma vez à nossa casa qualquer trabalho de revelação, e o aficionado fará de a a sua casa predilecta.



Mande V. Ex.ª fazer ampliações dos seus melhores clichés que serão feitas pelas tabelas «Kodak». V. Ex.ª deseja adquirir um dos 86 modelos «Kodak» a prestações? Peça-nos detalhes. Atendemos todos os pedidos pelo correio.

## Gramafones e discos sempre as últimas novidades nas seguintes marcas:

HIS MASTR'S VOICE ; COLUMBIA ; ODEON ; ELECTRO-RÁDIO ; BRUNSWICK, ETC.

Aparelhos desde 750\$00 a 4.500\$00; Discos desde 15\$00 a 60\$00.

Esta casa dá de brinde 6 discos na compra de qualquer aparelho.

### PAPELARIA CENTRAL

Francisco Ribeiro de Castro

12, Praça D. Afonso Henriques, 13 -- GUIMARÃES

## A. J. Ferreira da Cunha

ARMAZEM DE FERRAGENS, CUTELARIAS E PENTES  
(NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

Tubagens e acessórios para água,  
em chumbo e ferro galvanizado.

Torneiras e passadores de metal, para água  
e vapor.

Mangueira de borracha e agulhetas de metal,  
de bom efeito,  
para regas e lavagens de automóveis

Depósito de contadores para água,  
da acreditada marca BOPP & REUTHER

TUDO A PREÇOS MÓDICOS

38 - Praça D. Afonso Henriques - 39

GUIMARÃES

## Aos amadores de Telefonia Sem Fios

e Gramafones

Se quereis ouvir bons concértos, adquiri os produtos

“PHILIPS”

Melhorai a intensidade e a qualidade da vossa recepção,  
empregando os aparelhos

“PHILIPS”

A “PHILIPS” apresenta o novo aparelho ANDON  
(modelo 3003), que substitue as pilhas sêcas.

Os seus “ALTO-FALANTES” são os melhores,  
assim como todos os seus produtos.

Em Guimarães informa:

Bernardino Jordão, F.ºs & C.ª